

6 Conclusão

“Enquanto a ciência exige que, na busca de um conhecimento rigoroso, os fenômenos singulares sejam explicados por meio de leis universais, que precisam ser formuladas através de abstrações e não podem se confundir com a singularidade dos fenômenos, as artes expressam por meio da sensibilidade a dimensão significativa universal dos fenômenos, das experiências humanas singulares, sem jamais separar essa dimensão significativa da própria riqueza fenomênica”

(Leandro Konder).

Ao longo da construção da presente dissertação quisemos discutir os objetivos e a natureza de uma experiência de teatro na creche Fiocruz, tentando definir uma fundamentação teórica que fosse consistente, através do diálogo com teóricos como Bakhtin, Benjamin, Bettelheim, Bourdieu e Fischer, que ao longo de sua trajetória procuraram refletir a respeito da natureza da Arte e suas implicações para a vida do ser humano em vários níveis do campo do conhecimento.

O que nos fez dialogar com esses autores, primordialmente, foi o fato de poder relacionar seu pensamento com a construção de uma experiência teatral que lida com sujeitos em desenvolvimento vivendo em comunidade (creche). Tais pensadores tiveram grande preocupação a respeito da vida humana em sociedade, de sua construção histórica e da alma do tipo burguês, relacionando sua reflexão teórica com a arte e a possibilidade dessa relação ser profundamente necessária para o desenvolvimento do indivíduo.

È por isso que trabalhamos com a possibilidade de que a criança conviva com a arte a partir do momento em que começa a construir sua vida social para além do círculo familiar, na esperança de que possa compreender que a arte é o resultado sensível do olhar humano sobre a realidade do mundo. Sua linguagem nem sempre é racional, passível de ser explicada apenas através do viés da razão. Algo profundamente misterioso nos afeta quando nos deixamos sensibilizar pelo toque da Arte em nossa vida.

A magia se faz presente o tempo todo quando nos deixamos afetar pelos efeitos da arte e pode nos levar a certos confrontos com nosso sistema de vida que, a princípio, pode nos fazer rejeitá-la enquanto veículo de auto-conhecimento e de aprimoramento de relações humanas mais justas, livres e democráticas. Ao mesmo tempo, a arte é paradoxal pois quanto mais queremos nos afastar dela e renegá-la, mais ela se apresenta enquanto veículo de descoberta de novos caminhos para nossas contradições e de conhecimento de nossa miserável condição humana.

Quando quisemos estabelecer um “palco” para o conto de fadas no qual a criança pudesse brincar, foi com a intenção de lhe favorecer o contato com dois modos de fazer artístico, a narrativa e a dramatização, que trazem em si conhecimentos fundamentais para o seu desenvolvimento e também, permitir-lhe a construção de alternativas sensíveis que possam servir de contraponto ao conhecimento científico, sem negá-lo, mas que a façam olhar a realidade do mundo como sujeita a modificações, posto que possui um passado que pode ser revisto.

Quando a criança descobre que uma bruxa tão bela como a madrasta de “Branca de Neve” pode matar por vaidade e que, através do conto “João e Maria”, se dá conta da fome de crianças tão pequenas quanto ela mesma, abandonadas à própria sorte, mas que transformam sua realidade cruel através do desenvolvimento de suas próprias aptidões, ela pode realizar a tarefa fundamental de apreender a realidade através da sensibilidade artística, provocando o reconhecimento de certos valores éticos que são importantes para a vida em sociedade e também para seu auto-reconhecimento (Konder, 2000).

Através do contato com narrativas ancestrais, grávidas de histórias a respeito da constituição social da humanidade e de compreensão da natureza humana, e sua posterior dramatização, quando enfim a criança pode se permitir viver vidas que não a sua, quisemos ressaltar a importância do conto de fadas e da experiência teatral para a construção da subjetividade e do conhecimento infantil, a partir da relevância dada à prática artística, tornando a arte parceira efetiva da educação.

Quisemos discutir a importância da arte para o trabalho em educação, tentando compreender conceitos como magia, teatralidade, metamorfose, expressão, sentimento, imagem corporal, signo, procurando a sua possível relevância na formação da subjetividade infantil, tentando a partir daí, colaborar

na conceituação da categoria “cultura da infância”, desvelando as trocas possíveis que ocorrem, quando a criança se apropria da cultura estabelecida e a partir do capital cultura que traz de seu meio familiar e social, passa a interagir com o meio circundante, desenvolvendo sua linguagem, suas relações sociais e o entendimento acerca do mundo no qual ela se insere.

Quando Ernst Fischer teoriza a respeito da natureza da arte, estabelecendo a magia como a forma cultural primitiva da qual se originaram a ciência, a religião e a própria arte, através de uma forma coletiva de trabalho humano, podemos relacionar essa idéia com a magia encantadora que os contos de fadas possuem e que atraem a sua atenção, tanto pelo poder de sua narrativa quanto pela capacidade de responder à questões interiores das crianças. Pois é essa forma especial de magia que podemos oferecer à criança, para que ela consiga compreender a realidade do mundo a partir do conhecimento sensível que o conto lhe proporciona, revigorando valores que podem modificar a forma da criança olhar para este mundo.

A vitalidade do conto está no fato de sua linguagem se manter sempre viva no imaginário infantil, renovando-se de geração em geração, mesmo com todas as deturpações que sofre ao longo de sua história. É seu valor estético universal que o faz perdurar. Esse poder não pode ser desperdiçado pela educação.

Assim como o poder do teatro também não pode. A teatralidade, faculdade inerente ao fazer teatral, permite desvelar através do fictício, o que de verdadeiro existe para se compreender e vivenciar a respeito do ato de viver. Além de ser uma arte eminente coletiva, na qual o ato de criar é vivenciado comunitariamente, de forma organizada, numa constante troca de saberes que vai se constituindo na medida em que se permite que o lúdico demonstre seu valor. É pelo filtro do lúdico que, o gesto infantil se revela e a força poderosa do futuro, prevista por Benjamin, pode ser transmitida à criança para que ela possa renovar o mundo e suas relações autoritárias e arcaicas.

Quisemos através desse trabalho explicitar a relação das crianças com a experiência teatral organizada na creche Fiocruz para fazê-las se apropriar da linguagem teatral: a importância das narrativas encantadas, folclóricas, universais, usadas como texto dramático, para que a criança se sinta interessada pela história e num passo seguinte, queira interpretá-la e ao fazê-lo, descubra o prazer em metamorfosear-se, pôr-se no lugar de outrem usando seu corpo e sua

sensibilidade, descobrindo o encanto, o valor, a importância da alteridade no meio social e passe a respeitar o outro e a se fazer respeitar, a não temer o novo e o diferente.

Quisemos desvelar a importância de descobrir novas linguagens artísticas como a poética, a musical, a dança, a expressão corporal, que podem ser apropriadas pela linguagem teatral, levando a criança a valorizar seu corpo, suas emoções, a troca afetiva com o outro, alfabetizando-se em linguagem artística. Para tanto, cumpre revelar à criança, a natureza lúdica que a arte teatral possui, fazendo com que se constitua como um veículo de educação estética do ser humano, levando a criança a desenvolver um tipo particular de conhecimento, o sensível.

Quisemos revelar um aspecto novo dessa prática, qual seja, a criança vista não como mera espectadora de um espetáculo teatral, mas como integrante ativa (ator) do processo de uma encenação, da qual ela participa de todas as etapas de sua construção e que traz em si, além da brevidade, própria de um espetáculo teatral, as marcas das vidas de todos os que participam do processo. Quando imaginamos um figurino, por exemplo, ele é pensado e discutido com todas as educadoras das turmas de jardim, com a equipe técnica da creche e principalmente com as crianças, que conhecem os desenhos das oficinas de teatro.

Mas ambiciosos, quisemos um pouco mais. A partir do diálogo com Bakhtin, desejamos que a criança ao se apropriar da arte da narrativa e de sua dramatização, possa se constituir como um sujeito responsável por sua vida e pela vida do outro. Desejamos que a arte não seja apenas um passatempo pequeno-burguês, uma diversão alienada e alienadora. Mas que seu exercício ou sua fruição seja, principalmente, considerado um ato ético, que implique num comprometimento com o social, mas no qual o enriquecimento individual esteja implícito, uma vez que é no interior de cada criança que a dispersão do sentido no mundo, pode encontrar um significado para todo o acontecimento da existência.

Ao final da peça “João e Maria”, encenada pelas crianças do jardim 2003, fizemos questão de incluir uma cena na qual os personagens João e Maria (todas as crianças) traziam dois carrinhos de supermercado no qual eram carregados doações de alimentos angariados pelas crianças e seus pais que foram doados à campanha Natal Sem Fome, patrocinada pela Fiocruz todos os anos. Fizemos questão de explicar às crianças o objetivo da campanha, sua importância e a quem

a doação era destinada. Acreditamos que assim contribuimos para tornar real a nossa intenção de começar desde a primeira infância a conscientização da criança pequena a respeito da responsabilidade social que cada indivíduo deve ter com o outro desvalido, num país com tantos problemas sociais como o Brasil. Nesse exemplo, em nossa opinião, a arte encarada como um ato ético encontra uma oportunidade de reunir concretamente no interior de cada indivíduo a dispersão do sentido do mundo.

A nossa experiência teatral com crianças pequenas na Educação Infantil pretende isso. Nós a encaramos como um processo em evolução, que incorpora idéias, novos conceitos que possam corrigir seu rumo ou atenuar seus equívocos. Mas que sempre leva em conta a condição humana do seu ator principal: a criança pequena. Queremos nos reportar a uma reflexão de Fayga Ostrower que nos parece apropriada:

“Talvez seja necessário recomeçar bem no início, por baixo de todas as convenções culturais, lá no fundo, lá na própria condição humana. Talvez tenhamos que dirigir-nos diretamente à sensibilidade das pessoas, dando-lhes subsídios para que se reestruturem através do seu potencial sensível”

(Ostrower apud Konder, 2001, p. 43).

Ao estabelecer um “palco” para o conto de fadas, esse é nosso objetivo: nos dirigir à sensibilidade da criança, dando-lhes os subsídios que o conto e o teatro possuem para que ela as organize como quiser e puder, enriquecendo seu potencial sensível, para que seu mundo, no futuro que começa hoje no presente, não comporte mais a barbárie.

Durante a construção da presente dissertação algumas possibilidades de pesquisa foram sugeridas, mas infelizmente, não foram suficientemente desenvolvidas. Acreditamos que seja possível e necessário pesquisar os efeitos dessa experiência teatral na vida dos egressos da creche, que hoje estão quase adolescentes, investigando como eles constroem sua vida cultural e social, se ainda subsistem ecos de sua infância pequena na atualidade e se eles são suficientemente fortes para influenciar sua vida presente.

Outra possibilidade de pesquisa a ser investigada diz respeito à alfabetização em artes cênicas dos educadores de creche. Durante todos esses anos, a creche vem colaborando com o avanço da educação infantil mediante o desenvolvimento profissional de educadores de creche no Rio de Janeiro, através do Curso de Desenvolvimento Profissional em Educação Infantil que ela coordena junto com a Escola Politécnica Joaquim Venâncio, da Fundação Oswaldo Cruz, concomitantemente a diversas capacitações de educadores infantis das CREs (Coordenadorias Regionais de Educação) da cidade do Rio de Janeiro, trabalho esse realizado somente durante o ano de 2003.

Através dessas capacitações, temos tido a oportunidade de oferecer oficinas de arte e cultura aos educadores, entre outras, nas quais temos tentado esclarecer os objetivos do uso da arte na educação infantil, o que explicitamos durante a presente dissertação, utilizando uma série de exercícios de expressão corporal, relaxamento e teatro, além de aulas teóricas, nas quais tentamos estabelecer alguns pressupostos necessários aos educadores para poderem trabalhar através de um viés artístico, sensível com o desenvolvimento das crianças pequenas, principalmente de baixa renda.

Acreditamos que uma pesquisa futura pode investigar de forma mais aprofundada os caminhos necessários para a realização desse trabalho, colaborando mais efetivamente com o avanço do conhecimento sobre teatro na área de formação de professores de educação infantil.

Temos esperança que a presente dissertação tenha servido para iluminar alguns caminhos que conduzem educadores até o mundo da infância, permitindo que se aproximem dele munidos de todo o conhecimento que puderam adquirir para realizar sua tarefa de educar e cuidar da melhor maneira possível. Mas principalmente que tenha servido para ajudá-los a rever conceitos rígidos que só servem para reproduzir idéias que perpetuam uma sociedade injusta, organizada de forma a valorizar uma minoria elitista que detém em suas mãos as rédeas do poder.

Queremos que o teatro possa ser mais utilizado na escola no sentido de trazer para seu interior a cultura do mundo, fazendo do espaço escolar um lugar de discussão de idéias, de experimentação de variadas linguagens artísticas, de encontro entre seus diversos segmentos, de revisão de conceitos arcaicos.

Alimentamos a esperança de que, a partir da influência desse trabalho, essas crianças consigam apurar o gosto estético e a forma de compartilhá-lo, transmiti-lo, ampliando limites e superando barreiras culturais e sociais. Para Bourdieu (1975), “À medida que se ampliam os sistemas de pré-conhecimentos típicos que os indivíduos devem à escola (...), a familiaridade com o universo organizado das obras torna-se mais imediata e mais intensa.” (p.214).

Gostaríamos de imaginar a possibilidade de concepção de uma política pública para a educação que contemple a Educação Infantil com estratégias de ação que levem em conta a importância do fazer cultural no campo escolar. Não apenas a cultura da escola, mas aquela que forneça subsídios para a consolidação da noção de cidadania de um povo. A cultura que permita que a arte não mais nos conte histórias de lutas desiguais, de fracassos anunciados, de violência revoltante

Queremos que o espaço escolar possa se constituir num grande “palco” o qual os diversos atores possam atuar com espontaneidade e alegria, renovando a estrutura escolar, tornando-a menos reprodutiva de ideologias que visam restringir a liberdade de pensamento e ação, que é a mola que conduz o ser humano em busca de seu futuro e de sua felicidade. Que essa busca possa ser feita de mãos dadas com a arte, é o que sonhamos. Porque, afinal de contas, a vida é sonho!